

## LITERATURA NA SALA DE AULA: RESISTÊNCIA EM MEIO AO CAOS

Ana Carolina Miguel Costa (UNESP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Literatura é um direito de todos e “instrumento poderoso de instrução e educação”. Esses pensamentos de Antonio Candido (2004) são referências ao pesarmos a importância que a literatura tem na vida de todos. Em um mundo globalizado, fragmentado, de incertezas e indagações no campo educacional, ela surge como resistência, como libertação. Atividade racional e emocional, capaz de quebrar paradigmas e transcender o mundo das urgências cotidianas, a literatura, desde Platão, é questionada por seu potencial reflexivo e crítico, motivo por que o acesso a ela é cada vez mais escasso. Em vista disso, a escola deveria ser um dos ambientes a conceder esse direito, tendo o professor como mediador. Entretanto, o texto literário ocupa espaços diminutos ou é a condição de pretexto para o ensino de conteúdos específicos, como a gramática ou as técnicas de redação. Muitos docentes estão preocupados em sintetizá-los e reproduzi-los para exames vestibulares e, muitas vezes, não acreditam na capacidade de seus alunos. Na verdade, na maioria das vezes, os estudantes são vistos como um receptáculo, seres passivos que devem obedecer, seguir todas as instruções de seu professor, sem ter o direito de opinar, discordar ou apresentar outras possíveis leituras e interpretações. É postergado que estes deveriam ser os protagonistas, seres ativos, capazes de criticar, criar, produzir, inquirir, de renovar ou até mesmo quebrar os padrões e normas enraizados concernentes à educação. Pretendemos, então, refletir sobre o fato de que a literatura não é apenas um instrumento para outros fins e planejar métodos para aproximar os alunos dos textos literários. Queremos mostrar como ele pode ser planejado e trabalhado na sala de aula, as possibilidades de reflexão, crítica e os seus benefícios. Além disso, almejamos evidenciar a importância do papel do professor como mediador entre o leitor e a obra literária e ratificar que o aluno deve ser o protagonista nessa construção de sentidos do texto. Desse modo, apresentaremos alguns resultados obtidos com nossa atual pesquisa que tem por foco o estabelecimento de métodos de seleção dos textos literários, leitura em sala de aula e análise dos resultados. O projeto está pautado na elaboração de questões epilingüísticas, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1997), para incitar a reflexão sobre o texto e seus recursos expressivos. Cada encontro foi gravado em áudio para posterior análise de conteúdo e verificação da qualidade de leitura dos alunos, sendo que para isso utilizamos o método quantitativo e qualitativo proposto por Laurence Bardin (1977).  
**Palavras-chave:** Literatura; Texto literário; Leitura; Ensino.

### Introdução

Para iniciar este trabalho, é muito bem-vinda uma reflexão a cerca de um célebre pensamento de Antonio Candido (2004, p.243), quando ele nos diz que a literatura é um direito de todos e “instrumento poderoso de instrução e educação”. Provavelmente a maioria das pessoas concorda com a afirmação, mas será mesmo que todos estão realmente tendo esse direito assegurado?

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UNESP - Araraquara), Mestranda em Estudos Literários (UNESP - Araraquara). Contato: [ana.m.costa@unesp.br](mailto:ana.m.costa@unesp.br)

Vivemos em um mundo globalizado, fragmentado, de isolamento, de incertezas e indagações no campo educacional, e a literatura surge exatamente como resistência, libertação. Para sairmos desse obscurantismo e chegarmos à luz um dos meios é a escola. É nesse ambiente que o aluno poderá ter contato com livros, textos, autores, e, por meio destes, imaginação, criação, senso crítico e reflexivo, entre outras coisas.

Porém, o contato que os discentes têm com a leitura é extremamente escasso e não efetivo, pois, segundo dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), que foi lançado pela OCDE (Organização para a Coordenação e Desenvolvimento Econômico), em sua última avaliação, que ocorreu no ano de 2015, mostrou que “no Brasil, 51,0% dos estudantes estão abaixo do nível 2 em leitura – patamar que a OCDE estabelece como necessário para que o estudante possa exercer plenamente sua cidadania”. Cabe ressaltar que são estabelecidos sete níveis da escala de proficiência em leitura.

Além disso, o Instituto Pró-Livro (IPL) realizou em 2015 a quarta edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, coletando diversos dados a respeito da leitura no Brasil. Quando os entrevistados foram questionados se gostavam de ler, 23% responderam que não, 43% um pouco e 30% que gostavam muito. Ademais, apenas 13% dos entrevistados consideraram a leitura como uma atividade prazerosa, 7% informou que foram os professores que influenciaram o gosto pela leitura e 18% emprestaram livros em bibliotecas escolares.

Ou seja, os dados apresentados são extremamente alarmantes. As pessoas até possuem certo contato com os livros, mas a escola e os professores que deveriam ser os meios de acesso estão quase nulos.

Até aqui apontamos dados sobre a leitura em geral, mas o problema se agrava quando pensamos na leitura de textos literários, isto é, ao considerarmos o termo literatura como discurso estético canonizado, considerado literário pela crítica. Percebemos que o contato dos discentes com obras literárias é quase rara. Os livros de que eles têm acesso são as apostilas, livros didáticos, paradidáticos, com valor utilitário. Então, poderia ser questionado que dentro desses materiais educacionais há muitos textos literários. Em partes.

Em muitos casos, as editoras encomendam textos de determinados autores para colocarem em seus materiais e, dessa forma, não precisam pagar para utilizar as obras consideradas canônicas, o que gera uma rentabilidade maior a essas empresas. Além disso, a maioria dos textos encontrados nos materiais educacionais são utilizados para diversas finalidades, exceto para o que realmente deveria ser usado, com um fim nele mesmo.

O texto é empregado para exposição de conteúdos, para o ensino da gramática e técnicas de redação, para decorar conteúdos que serão cobrados em exames vestibulares, mas, como aponta Todorov (2009, p.31) “[...] em nenhum caso o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim”. Acreditamos que o professor precisa trabalhar o texto com um fim nele mesmo, ou seja, trabalhar o sentido da obra, suas interpretações, análises, possíveis leituras e discussões. Quando ele acredita na capacidade de seus alunos e os leva a desvendar os prazeres e benefícios da leitura, todos têm a ganhar.

Como aponta Neide Luzia de Rezende em *Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino* (2014), em seu artigo “A formação do leitor na escola pública brasileira: um jargão ou um ideal?”, que teve sua origem no XIII Encontro Internacional da ABRALIC, realizado em Campina Grande, Paraíba, entre 8 e 12 de julho de 2013, “[...] ensinar Iracema pode responder a muitos objetivos, mas é difícil crer que vai despertar ou acentuar no aluno o gosto pela leitura” (p. 52).

Há de se convir que o pensamento da autora fica coerente quando ponderamos que o que pretendemos não é fazer com que o aluno seja obrigado a ler algo que não sente prazer, que não está familiarizado, que é obrigado a adotar como verdade, que não se reconhece. Pelo contrário, como continua Rezende, devemos “conhecer o leitor que habita o aluno, dar a ele oportunidade de ser lido pela literatura, sem apenas impor interpretações que chegam a ele sem sentido [...]” (2014, p.52).

Dessa maneira, tentamos elaborar uma intervenção que abarcasse os problemas supracitados: aproximar os estudantes do livro, da leitura, mas, em especial, dos textos considerados literários. Deveria ser algo simples, pois soluções milagrosas que prometem resolver todos os problemas não existem.

Assim, propusemos mostrar possibilidades de leitura do texto literário na sala de aula, através de pesquisa de campo, com a qual levaríamos obras previamente escolhidas e seguidas de elaboração de questões epilinguísticas, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1997), para incitar a reflexão sobre elas e seus recursos expressivos e na leitura em voz alta dos textos - e estudos teóricos, sendo a análise de conteúdo pautada no método quantitativo e qualitativo proposto por Laurence Bardin (1977). Tanto a escolha dos textos quanto a qualidade da leitura foram baseadas nas escolhas e gostos dos alunos.

É importante frisar que quando dizemos “gostos dos alunos”, isso diz respeito a assuntos e temas que os discentes preferem, como, por exemplo, livros de aventura, investigação, amor, entre outros. Através de um questionário respondido por eles, o professor seleciona as obras literárias, pois, como já dito anteriormente, o estudante não pode ser obrigado a algo, ele tem que ser conquistado e é desse modo que considerar seus gostos e preferências ajuda nesse primeiro contato com as obras.

### **Detalhamento da pesquisa de campo**

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola particular, quinzenalmente, durante as aulas de redação, seguindo as seguintes etapas:

- a) Elaboração de uma coletânea de textos literários. Cada aula teve um ou mais textos literários, sendo estes escolhidos conforme andamento das aulas para que, assim, pudessem ocorrer prévias modificações, levando em consideração os critérios explanados anteriormente, pautados fortemente nas preferências dos alunos.
- b) Entrevista inicial sobre a qualidade e quantidade de leitura de cada participante. Aplicação de questionário individual sobre a capacidade de leitura, interpretação e crítica textual.
- c) Apresentação dos textos em uma aula de 50 minutos. O projeto foi executado nessa frequência para não comprometer o desenvolvimento dos conteúdos apostilados da matéria do professor, pois durante os encontros de

leitura do texto literário, houve interrupção dos conteúdos habitualmente ministrados nas aulas de redação.

- d) Os textos literários foram previamente analisados pela pesquisadora para elaboração de questões epilingüísticas, conforme proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1998). Essa análise prévia focou na necessidade de incitar a reflexão sobre o texto e seus recursos expressivos.
- e) Leitura do texto: a professora realizou a leitura do texto em voz alta, focando no plano expressivo da palavra estética, marcada pela entonação, ritmo, ênfase a determinados vocábulos, frases ou imagens.
- f) Discussão sobre o texto: o texto foi trabalhado de forma crítica, reflexiva, interpretativa; incentivando os alunos à exposição de seus pontos de vista, sentimentos e reflexões. O professor foi mediador do conhecimento e das reflexões dos alunos. Cabe ressaltar que não era esperado que os alunos passassem das questões epilingüísticas para as metalingüísticas. Como proposto pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ao terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa (1997, p. 30):

A análise lingüística refere-se a atividades que se pode classificar em epilingüísticas e metalingüísticas. Ambas são atividades de reflexão sobre a língua, mas se diferenciam nos seus fins.

Nas atividades epilingüísticas a reflexão está voltada para o uso, no próprio interior da atividade lingüística em que se realiza. [...]. Em se tratando do ensino de língua, à diferença das situações de interlocução naturais, faz-se necessário o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão sobre os recursos expressivos utilizados pelo produtor/autor do texto — quer esses recursos se refiram a aspectos gramaticais, quer a aspectos envolvidos na estruturação dos discursos —, sem que a preocupação seja a categorização, a classificação ou o levantamento de regularidades sobre essas questões.

Já as atividades metalingüísticas estão relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos lingüísticos<sup>23</sup>. Essas atividades, portanto, não estão propriamente vinculadas ao processo discursivo; trata-se da utilização (ou da construção) de uma metalinguagem que possibilite falar sobre a língua. Quando parte integrante de uma situação didática, a atividade metalingüística desenvolve-se no sentido de possibilitar ao aluno o levantamento de regularidades de aspectos da língua, a sistematização e a classificação de suas características específicas. [...].

Os alunos deveriam refletir e fazer uma análise crítica do texto, mas não havia expectativa de alcance de uma categorização de seus elementos. Se essa categorização ocorresse, deveria ter caráter espontâneo.

- g) Gravação das aulas para transcrição de aspectos relevantes para a análise dos dados.
- h) Aplicação de entrevista final sobre a prática de leitura de cada participante. Aplicação de questionário individual sobre a capacidade de leitura, interpretação e crítica textual.
- i) Análise dos dados obtidos.

### **Análise do conteúdo**

Foi utilizado para análise do conteúdo obtido na pesquisa de campo a obra *Análise de conteúdo* (1977), de Laurence Bardin. Para este projeto, dentre as diversas possibilidades de análise apontadas pelo autor, a que mais se enquadraria era a análise temática. Sobre isso, Bardin explica que:

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os <<núcleos de sentido>> que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido.

O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. Não é possível existir uma definição de análise temática, da mesma maneira que existe uma definição de unidades linguísticas.

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas [...] podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base. (BARDIN, 1977, p.106, grifo do autor).

Deste modo, após a seleção do texto literário que seria analisado no encontro com os alunos, houve pré-seleção de temas e realce de aspectos do texto sobre os quais era esperado que os discentes realizassem discussões e novas especulações, favorecidas pela mediação do professor.

Para a análise do conteúdo dos encontros com os estudantes era preciso cumprir três etapas: 1ª Pré-análise, 2ª Exploração do material e 3ª Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na primeira etapa, Bardin (1977) propõe a “leitura flutuante”, que consiste nas impressões acerca do material a ser analisado. O autor orienta a escolha dos documentos e, no caso da pesquisa aqui apresentada, o *corpus* consiste da transcrição da fala dos participantes do projeto. Na segunda etapa da análise de conteúdo, foi recortado partes do *corpus* para classificação das categorias temáticas presentes.

Na última etapa, houve a interpretação e sistematização dos dados obtidos, como explica Bardin: “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 1977, p. 101).

Assim, podemos dizer que a pesquisa foi qualitativa, pois as aulas foram gravadas, o conteúdo foi transcrito e os dados obtidos analisados e, quantitativa, pois foi aplicado testes iniciais e finais para comparação de dados e comprovação ou não da eficácia da participação dos alunos no projeto.

### **Considerações finais**

Por a pesquisa ser extensa, não coube aqui esmiuçar todos os resultados obtidos. Notamos, de modo geral, que os alunos fizeram uma construção coletiva das obras literárias apresentadas. Cada estudante apontou suas perspectivas sobre cada obra, contribuindo para agregar no conhecimento e entendimento do outro; todos puderam participar de modo democrático, concordando ou discordando com o que era questionado, um ajuda a completar, complementar ou reformular o pensamento do outro.

É importante salientar que o papel do professor foi de muita importância, pois era ele o mediador entre o texto e os estudantes; ele tinha o papel de levantar questionamentos, mas sem interferir com respostas ao que era interpretado; deveria tentar manter os alunos no texto, fazendo-os retornarem quando fugiam para suas vidas particulares durante as discussões.

Em todas as aulas os objetivos foram alcançados, na verdade, muitas vezes, superaram as expectativas, mostrando que os discentes são capazes de ler, interpretar, refletir, criticar diferentes obras literárias com distintas especificidades. É notório que não apenas resultados positivos foram encontrados, principalmente, quando os discentes migravam para exemplos de suas vidas particulares ou utilizavam a imaginação demasiadamente.

Além disso, foi notável a dificuldade quanto à sistematização das nomenclaturas teóricas concernentes à literatura, como foi previsto no projeto, que visava, inicialmente, às questões epilingüísticas para, com o tempo e a aquisição de maturidade dos alunos como leitores, focar nas questões metalingüísticas (sistematização). Os estudantes gradualmente foram tecendo e compreendendo as estruturas e formas presentes no texto, como, por exemplo, o narrador e o eu lírico, passando, então, das questões epilingüísticas para as metalingüísticas.

## Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 106p.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. 144p.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p.169-191.
- FERREIRA, A. S. *Roda de leitura e produção de aprendizagem inventiva: um estudo em escola municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série*. 2015. 321 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Indicador de alfabetismo funcional (Inaf)*. Indicador especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo, 2016. Disponível



em <http://www.ipm.org.br/pt-br/programas/inaf/relatoriosinafbrasil/Paginas/Inaf-2015---Alfabetismo-no-Mundo-do-Trabalho.aspx>.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009.

MANGUEL, A. Como Pinóquio aprendeu a ler. In: \_\_\_\_\_. *À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.38-50.

PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. *Manual 2008*. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br).

REZENDE, N. L. de. A formação do leitor na escola pública brasileira: um jargão ou um ideal? In: \_\_\_\_\_. *Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino*. José Hélder Pinheiro Alves (Org.). Campina Grande: Abralic, 2014.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.